

# TURISMO DE EVENTOS E COVID-19: APORTES DOS PROTOCOLOS DE SEGURANÇA E ESTRATÉGIAS PARA A RETOMADA DO SETOR

**EVENT TOURISM AND COVID-19: CONTRIBUTIONS OF SECURITY  
PROTOCOLS AND STRATEGIES FOR THE RESUMPTION OF THE SECTOR**

GILDYGLEIDE CRUZ DE BRITO RÊGO <sup>i</sup>  
ALINE GIZELE AZEVEDO DE LIMA BARROS <sup>ii</sup>  
RICARDO LANZARINI <sup>iii</sup>

## Palavras-chave

Eventos.  
Protocolos de  
Segurança.  
Covid-19.  
Ciberespaço.  
Turismo de  
eventos.

## Resumo

A presente pesquisa trata da situação do turismo de eventos no mercado brasileiro frente a calamidade pandêmica. Objetiva analisar os aportes dos protocolos de segurança sanitária a fim de apontar estratégias para o retorno do turismo de eventos no Brasil, além de propor um protocolo unificado para a retomada das atividades presenciais do setor. Tem como abordagem teórica a explicitação da relação das crises globais com o turismo de eventos, do mercado de eventos brasileiro em 2020, os impactos sofridos pelo turismo de eventos e formas de enfrentamento à pandemia. O aporte metodológico é descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa de treze protocolos das principais entidades representativas internacionais e nacionais do mercado de eventos, coletados por meio da mineração de dados online. Como principais resultados identificou-se uma estagnação do setor de eventos no Brasil e no mundo, um número significativo de demissões e perdas financeiras em empresas no mês de abril de 2020. Como alternativa de retomada do setor, elaborou-se um protocolo unificado e subdividido em seis setores de ação estratégica, segurança de base, adequação do ambiente, distanciamento social, higiene pessoal, comunicação e monitoramento, a fim de atender recomendações das entidades internacionais, que sugerem a adaptação dos protocolos em nível local para cada atividade específica, como também para auxiliar os atores do mercado de eventos na implementação de ações efetivas perante uma possível retomada.

ISSN  
2594-8407

Revisado por  
pares

Submetido em  
23/11/2020  
Aprovado em  
05/02/2021



## Keywords

Events.  
Security Protocols.  
Covid-19.  
Cyberspace.  
Event tourism.

## Abstract

*This research deals with the situation of event tourism in the Brazilian market in the face of pandemic calamity. It aims to analyze the contributions of health security protocols in order to point out strategies for the return of tourism from events in Brazil, in addition to proposing a unified protocol for the resumption of face-to-face activities in the sector. Its theoretical approach is to explain the Brazilian events market in 2020, the impacts suffered by event tourism and digital trends as a way to face the pandemic. The methodological contribution is descriptive and exploratory, with a qualitative approach of thirteen protocols of the main international and national representative entities of the event market, collected through online data mining. The main results identified a stagnation in the events sector in Brazil and in the world, a significant number of layoffs and financial losses in companies in the month of April 2020. As an alternative for the resumption of the sector, a unified and subdivided protocol was elaborated. in six sectors of strategic action, basic security, adaptation of the environment, social distance, personal hygiene, communication and monitoring, in order to meet the recommendations of international entities, which suggest the adaptation of protocols at the local level for each specific activity, as well as to assist the event market players in implementing effective actions in the event of a possible resumption.*

## INTRODUÇÃO

A crise sanitária provocada pela COVID-19 levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar pandemia em 11 de março de 2020 (World Health Organization [WHO], 2020c). COVID é a sigla para Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus) que recebeu o sufixo 19 pela identificação do primeiro caso ter sido registrado em dezembro de 2019 na Ásia (Roda, Varughese, Han & Li, 2020), posteriormente, alastrou-se por todos os continentes, caracterizando-se com alto risco de contágio (Taxa R alta - número médio de contágios causados por cada pessoa infectada (Saidan, Shbool, Arabeyyat, T Al Shihabi, Abdallat & Barghash, 2020) e, por consequência, tendo o isolamento social como principal forma de prevenção e combate, fato que implica em severas restrições de mobilidade, aglomeração de pessoas e fechamento de fronteiras de cidades, estados e países.

Com todas as restrições sanitárias que se sobrepuseram urgentes no enfrentamento à doença, o mercado financeiro mundial apresentou quedas vertiginosas de produção em praticamente todos os setores da economia e, em especial, no turismo. Diversos setores mudaram sua forma de atuação para *home office*,



muitas indústrias tiveram suas operações congeladas, mercados alimentícios foram temporariamente desabastecidos, os sistemas de saúde entraram em colapso e as pessoas foram impedidas de viajar ou participar de aglomerações de qualquer ordem, estagnando, também o mercado de eventos em nível de acontecimentos presenciais em contraposição ao dinamismo de uma nova ordem digital.

Considerando-se a conjuntura organizacional e restritiva imposta pela pandemia de 2020, o mercado de eventos global sofreu vertiginosa queda de produção, impactando diretamente o PIB mundial, a geração de empregos diretos e indiretos, bem como as dinâmicas de fluxos turísticos em todo o mundo. Em se tratando de Brasil, o Portal Brasileiro de Turismo (2020a) publicou que o mercado de eventos correspondia, até março de 2020, a 13% do PIB nacional, com maior impacto econômico no menor espaço de tempo, convertendo três vezes em receita cada real investido, fato que coloca o turismo de eventos como um dos principais meios de arrecadação nos destinos turísticos, sendo amplamente adotado como uma atividade dinâmica capaz de gerar desenvolvimento local e subsidiar a atividade turística.

O turismo de eventos, segundo Bahl (2003), que compreende as viagens motivadas para a participação em feiras, congressos, negócios, eventos esportivos, shows, entre outros, teve seu contexto de mobilidade (que é próprio da condição do turista) e de aglomeração de pessoas (próprio da condição dos eventos) interdito pelo risco sanitário global, afetando a todos. Inúmeros eventos foram cancelados, adiados sem data definida ou reagendados para datas futuras, fato que gerou um conglomerado de incertezas, tanto para empresas quanto para profissionais autônomos, bem como para os participantes que precisaram reorganizar suas agendas, reavaliar as condições financeiras e considerar um novo fator de risco (sanitário) em seus deslocamentos.

Partindo do pressuposto que os grandes eventos culturais e de negócios compõem os alicerces do turismo em muitos países, toma-se como estudo de caso o cenário nacional brasileiro e seus aportes para a superação dessas adversidades. O Brasil é um país reconhecido internacionalmente como destino turístico por suas grandiosas festas de *réveillon*, carnaval, festas juninas, folclóricas e de comemorações religiosas que reúnem multidões, além das grandes feiras, eventos esportivos e de negócios, congressos e festivais que movimentam fluxos turístico em todo território nacional.

A título de exemplo, o Carnaval de 2020 foi o último grande evento turístico realizado no Brasil, teve recorde de público, conforme informações veiculadas pelo Ministério do Turismo (2020a), com base nos dados da Confederação Nacional de Comércio, Bens, Serviços e Turismo (CNC). No ano de 2020, houve um crescimento exponencial de 30% em comparação ao ano anterior, gerando R\$ 8 bilhões em receitas e



25,4 mil empregos temporários, especialmente no setor de alimentação, além de beneficiar empresas de transporte, agências de viagem, setor de lazer e meios de hospedagem, tendo como principais destinos as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Olinda. Este caso é consideravelmente emblemático para o turismo brasileiro, que tem buscado respostas e alternativas para superar, de forma segura, as limitações impostas pelas crises sanitária e econômica e minimizar as perdas desses acontecimentos cuja produção não pode ser estocada.

Com a explosão da pandemia, o mercado de eventos passou a buscar formas alternativas de se manter em funcionamento (parcial) e se reestruturar para atender às novas demandas sanitárias. Protocolos e modelos foram apresentados ao mercado por associações e representantes governamentais em todo o mundo, com o intuito de minimizar os prejuízos e orientar a retomada das atividades. De modo geral, desenham-se três perspectivas distintas e concomitantes: 1) *eventos online*, em que não há aglomerações e deslocamentos, sendo prioritários durante o período de pandemia e limitados em termos de atividades e tecnologias disponíveis; 2) *eventos híbridos*, que envolvem atividades remotas e presenciais, de modo que seja possível potencializar o público consumidor e diminuir ou controlar o aglomerado de pessoas; e 3) *eventos presenciais*, que envolvem um novo comportamento social e protocolos de segurança sanitária (Martin, 2020).

Embora nenhuma dessas alternativas seja realmente nova, visto que já acontecem desde o início do século XXI, os eventos digitais ganharam destaque e se despontaram como uma alternativa segura, em termos sanitários, para este período de crise, além de modificar a cultura e o comportamento de consumidores e empresários do setor. Contudo, deve-se ponderar que, embora os eventos digitais sejam uma saída parcial e/ou temporária, está limitada tanto pela carência de acesso dos participantes à tecnologia quanto pela baixa produção de receita que gera para a localidade turística. Além disso, o que se produz em nível de experiência é completamente adverso ao cenário presencial, não sendo, portanto, viável a todos os tipos de eventos e para a sustentação do mercado turístico.

O uso das tecnologias de comunicação, em seus mais variados escopos, correspondem a uma tendência em eventos que deve ser revertida em vantagens para o destino e seus participantes, da forma mais colaborativa possível, de modo a agregar valor ao produto turístico e proporcionar as melhores experiências aos participantes, além de bons ganhos para o mercado de eventos.

Nesse sentido, são apresentadas aqui, de forma analítica, as principais características do mercado de eventos brasileiro, considerando a transformação do cenário mundial que impacta diretamente o turismo



de eventos e suas relações com a tendência digital que tem transformado os modos de produção desse mercado, além de uma análise qualitativa dos treze principais protocolos sanitários de retomada dos eventos presenciais lançados em nível nacional e internacional, compilados em um documento consultivo de caráter operacional por áreas de ação estratégica, a fim de proporcionar aos leitores uma orientação de base sobre os principais protocolos a serem adotados enquanto perdurar a pandemia de COVID-19.

Portanto, é neste cenário que surge a seguinte questão: quais os aportes dos protocolos de segurança sanitária no combate à COVID-19 a fim de apontar estratégias para retomada do turismo de eventos?

Partindo dessa questão norteadora tem-se como objetivo de estudo analisar os aportes dos protocolos de segurança sanitária no combate da COVID-19 a fim de apontar estratégias para retomada do turismo de eventos, desdobrando-se em delinear o mercado de eventos brasileiro no atual momento pandêmico, identificar os impactos sofridos pelo turismo de eventos, além, de propor um protocolo unificado de retomada das atividades.

## REVISÃO DE LITERATURA

### Crises globais e o turismo de eventos

Crises globais não são eventos exclusivos da contemporaneidade e sim, ondas cíclicas que acompanham o próprio processo evolutivo do mundo caracterizado pela emergência constante das mais distintas adversidades, provocando assim disrupturas que, mesmo em meio a um caos instaurado, promovem o avanço da sociedade. Friedman (2005) legitima a premissa por considerar não haver mudanças sem crise, uma vez que, o resultado provocado possibilita o encontro de novos caminhos. Deste modo a história vai sendo escrita com momentos críticos, imersão de inovações e novas formas de ser, agir e relacionar-se.

Várias crises assolaram o mundo até a contemporaneidade, elas são intermitentes e estão relacionadas a perda de controle ou falta de planejamento. A globalização intensifica este processo, uma vez que as relações entre nações são estreitadas e o fluxo de indivíduos pelas linhas fronteiriças se expande. Assim foi com a Síndrome da Imunodeficiência Respiratória Aguda (SARS) que apareceu em 2002 na China, no tsunami de 2004 que atingiu a Índia, Malásia e Indonésia, na crise financeira global de 2008 e nos atentados terroristas às torres gêmeas, em Nova Iorque, 2011 ou mesmo na emergência da crise ambiental que tem alterado o equilíbrio de todo o planeta. Todos esses eventos emergiram e se alastraram numa celeridade típica da atualidade (Beni, 2011). Cada momento, por sua vez, exigiu estratégias individuais,



uma atuação coerente e voltada à minimização dos danos causados, revelando a partir daí, mudanças políticas, econômicas, sociais, culturais e tecnológicas.

O conceito aplicado a esta terminologia que, por sua natureza, provoca mudança, reação, adaptação, desenvolvimento, medo e perda, reveste-se de tamanha complexidade que a própria literatura científica o apresenta como algo de difícil definição, diante da apropriação por diferentes campos de atividade (Pauchant & Douville, 1993). Glaesser (2008, p.27) determina que “a crise é um processo indesejado, extraordinário, muitas vezes inesperado e delimitado no tempo, com desdobramentos possivelmente ambíguos”. Tal concepção reforça a imagem multifacetada que o termo detém, podendo assim ser moldado com vistas a resultados menos agressivos.

Com uma visão otimista, Schumpeter (1961), enxergou as crises como necessárias para tornar o mercado seletivo, mantendo as empresas mais eficientes e inovadoras, afastando aquelas menos aptas. Por meio de sua teoria, intitulada como destruição criativa, demonstra que inovações emergem em momentos de crise, uma vez que essas causam a retração econômica, provocando os indivíduos a criarem soluções inovadoras para os problemas e, por conseguinte, resultam na expansão do mercado (McCraw, 2012).

O fenômeno turístico, como argumenta Reddy, Boyd e Nica (2020), segue parâmetros semelhantes e, mais do que qualquer outro setor da economia, apresenta características de extrema sensibilidade, sendo altamente vulnerável a crises e desastres, ao tratar-se de elementos do microambiente e, principalmente, do macroambiente, em que as forças exercidas sobre o mercado turístico não podem ser controladas.

Beni (2011) aponta que dentre tais elementos encontram-se oscilações do sistema econômico e taxa de câmbio, flutuações sazonais da demanda, riscos geológicos e meteorológicos, crises operacionais dos modais de transportes, controle do tráfego aéreo, pane nos sistemas informatizados de reserva, convulsões sociais, instabilidade política, terrorismo, riscos epidêmicos e pandêmicos. Vale ressaltar que o turismo também se converte em vetor de contágio por ter o deslocamento como ação necessária para sua efetivação, implicando assim, na ampliação e rapidez da propagação de doenças contagiosas (Baum & Hai, 2020). Corbari e Grimm (2020, p.3) acrescem que “esses fatos são importantes ao analisar-se que o turismo é uma atividade econômica que depende da segurança e integridade social e ambiental das localidades”.

A mais recente, e até então presente crise, emergiu no final de 2019 e intensificou-se no ano de 2020 (Roda *et al.*, 2020). A COVID 19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, se apresenta como uma severa doença respiratória e de alto risco de contágio, levou o planeta a uma crise sanitária ainda difícil de



mensurar, mas capaz de ser elencada dentre as piores crises enfrentadas na história da humanidade. Diante de iniciativas para deter a disseminação do vírus, o isolamento social tem sido a principal forma de controle do contágio em larga escala, principalmente quando a Taxa R for superior a  $1^{iv}$ , mas que acarreta severos impactos na economia mundial, incluindo a atividade turística e de eventos, tanto pela proibição de aglomerações quanto pela restrição de deslocamentos humanos.

[...] a natureza, as circunstâncias e os impactos sem precedentes do COVID-19, demonstram sinais de que essa crise não é apenas diferente, mas pode ter profundas e duradouras mudanças estruturais e transformacionais no turismo como atividade socioeconômica e indústria. De fato, a escala global é enorme, os impactos multidimensionais e interconectados desafiam os valores e sistemas atuais, levam a uma recessão e depressão em todo o mundo (Sigala, 2020, p. 312 [tradução nossa]).

Imerso nesse cenário, o setor de eventos por meio de sua associação representativa, a Associação Brasileira de Empresas de Eventos (ABEOC), revelou que, o adiamento e/ou cancelamento dos maiores eventos do tipo MICE no Brasil representam um prejuízo médio de R\$ 80 bilhões em um prazo de dois meses, havendo, para especialistas do setor, a urgência de uma readequação que possa garantir a manutenção do mercado nacional de eventos (Portal Brasileiro de Turismo, 2020b).

Com vistas a sobrepor à crise, os eventos encontraram no ciberespaço, definido por Lévy (1999, p. 21) como “um termo que especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”, um local de efetivação de suas ações, promovendo interatividade, comunicação, engajamento. Esse contexto é caracterizado pelo elevado consumo de tecnologia, informação e comunicação para a construção da experiência do usuário de eventos, àquilo que a literatura científica define como eventos 4.0 - E4.0 (Ryan, Fenton, Ahmed & Scarf, 2020). Todavia, ressalta-se que tal realocação representou um rompimento, mesmo que momentâneo com o turismo, já que, por ora, o deslocamento não se faz necessário para efetivar a participação em eventos, acessíveis a um clique no computador.

De qualquer forma, poder identificar a dinâmica de uma crise, provável ou imprevisível, demonstra que quanto antes ações forem determinadas, maior será a possibilidade de minimizar suas ações nefastas, sendo esta uma tentativa perceptível na área de eventos que tem buscado identificar estratégias capazes de promover a retomada gradual e segura do setor. Esta constatação, segundo Reddy, Boyd e Nica (2020), poderá ser feita através da gestão de crises que, segundo Glaesser (2008, p.35) “é entendida como o



conjunto de estratégias, de processos e de medidas que são planejadas e implementadas para a preservação e o tratamento da crise”.

Para além, entende-se que, mesmo que fundamental, a gestão de crises precisa estar concatenada ao processo de educação da sociedade como um todo. De fato, estar imerso numa realidade em que subitamente o direito de ir e vir (garantido pela Constituição Federal) se coloca aquém da manutenção da saúde coletiva, corrobora para o estranhamento, negacionismo e até mesmo a insurgência frente ao fato. Por tal motivo, vários foram os eventos clandestinos - aqueles que promovem aglomeração sem nenhuma aplicação de medidas de distanciamento e biossegurança - identificados em várias unidades federativas do Brasil (Duran & Passeri, 2020).

Em tempos de pandemia de Covid-19, onde foram instituídas muitas medidas restritivas de circulação e isolamento social, o direito à liberdade é muito invocado por aqueles que não aceitam as medidas de distanciamento social. Porém, é oportuno lembrar que esse é um direito individual e que ele não pode ser interpretado isoladamente. Deve dialogar com outros direitos e valores de igual hierarquia constitucional, como o direito à vida e o direito à saúde (Gonçalves, Lopes, Sousa & Marodin, 2020, p.315).

Trata-se então de um momento que postula por reflexão e ação coletiva, não bastando aqui apenas a espera por intervenções oriundas do Estado, mas compreender que nessa batalha, o cidadão exerce papel fundamental, sendo o protagonista do controle ou da disseminação do coronavírus. “Crise, crise de consciência e tomada de consciência se encadeiam uma à outra [...] Essa crise do universal é ao mesmo tempo uma crise de consciência planetária, uma crise de relação e uma crise dos fins” (Beni, 2020, p.2). Por ora, se reconhece a relevância do digital para o setor de eventos, já que, além de preencher uma lacuna ocasionada pelo isolamento necessário, possibilita a continuidade das atividades do presente mercado. Não obstante, torna-se cada vez mais imperativa a implementação de protocolos alinhados à conscientização da sociedade, como uma tentativa de combate ao colapso do setor. “O setor de eventos é o mais sacrificado nesta pandemia, cerca de 97% das atividades estão completamente paralisadas e mais de 450 mil postos de trabalhos formais, entre diretos e indiretos, já foram exterminados” (Caramori, 2021). Destarte, a retomada dos eventos presenciais sob o viés da biossegurança trará perspectivas de melhorias centradas naqueles que sofrem com o desemprego e que já foram demasiadamente impactados pela estagnação do setor, como na população que há tempos anseia por essa retomada. Seguindo critérios que clamam pela implementação e apropriação por parte da sociedade, será possível, mesmo antes da chegada



de uma possível vacina, ressignificar e reativar essa área que tanto promove impactos econômicos, sociais e culturais, além de reverberar positivamente em sua interseção com a atividade turística.

### **O mercado brasileiro de eventos no momento pandêmico**

O mercado de eventos, que se caracteriza por ser de atuação extremamente amplo, abrangendo as mais variadas formas de transporte, hospedagem, lazer, alimentação, comércio e demais serviços especializados, gera uma série de benefícios para os empreendedores, para a cidade receptora e para a comunidade, vem sofrendo de forma intensificada, com a necessidade e a imposição do isolamento e distanciamento social provocados pela pandemia de COVID-19, e acumulando, desde março de 2020, altos índices de desemprego e baixa arrecadação em todo território nacional, conforme aponta pesquisa realizada com empresas de eventos durante o mês do abril de 2020 pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em parceria com a União Brasileira dos Promotores de Feira (UBRAFE) e Associação Brasileira de Empresas de Eventos (ABEOC). Os dados apresentados atestam que 98% do setor de eventos foi afetado diretamente pela pandemia. Desse montante, 62,5% afirmaram que a queda será de 76% a 100% no faturamento em relação a abril de 2019, sendo que 64% das empresas tiveram necessidade de demitir seus colaboradores (SEBRAE, UBRAFE & ABEOC, 2020).

Dada a relevância desse mercado, é consenso que as viagens para participação dos diversos tipos de eventos (feiras, congressos, reuniões de negócios, festivais, festas, shows, eventos religiosos, etc.) também devem ser contabilizadas como consumo turístico, já que o visitante de eventos utiliza a infraestrutura e consome produtos e serviços turísticos (Gayer, 2017).

Esse tipo de turismo, conhecido como turismo de eventos, também promove a interação entre as pessoas e ajuda na geração e no fortalecimento das relações sociais, industriais, culturais e comerciais, aproximando o público participante da localidade sede do evento, especialmente porque durante a viagem motivada pelo evento, o turista tem a oportunidade de vivenciar e valorizar a cultura local, fato que contribui para elevar a autoestima da população e fortalecer a imagem do destino e sua promoção turística, ao mesmo tempo que gera fluxos de deslocamento e visitação (Bahl, 2003; Scalabrini & Dalonso, 2019). Dessa forma, os eventos passam a ser impulsionados e impulsionadores da economia do local-sede, responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento turístico de destinos em todo o mundo (Fochezatto, Schaidhauer & Bohnenberger, 2018).



Com a estagnação do turismo de eventos, devido a pandemia de COVID-19, todos os seus atores (organizadores, promotores, operadores, prestadores de serviços especializados e o público consumidor) têm sido diretamente afetados pela falta de alternativas viáveis de manutenção dos processos produtivos em eventos que possam ser seguros e acessíveis a todos. Empresas e profissionais do setor têm se adaptado a uma nova ordem de produção mundial, repleta de incertezas, e a um outro perfil de consumidor, com novas exigências provenientes do atual cenário.

Embora os eventos sejam considerados atividades com alto potencial de contágio, ocasionado pela aglomeração de pessoas, como reforça Sigala (2020) e Saidan *et al* (2020, p. 326 [tradução nossa]), ao expor que são um “dos clusters com mais alto nível de contaminação”, representam uma ferramenta estratégica para a rápida recuperação da economia brasileira, pois são ações comerciais organizadas, com um público caracterizado por ser mais exigente e deter maior poder aquisitivo, diferenciando-os dos turistas que realizam viagens de lazer (Uvinha, Chan, Man & Marafa, 2018). Por isso, é de fundamental importância que o poder público e a iniciativa privada desenvolvam parcerias e compromissos de ajuda mútua em prol do mercado de eventos, a fim de que seja assegurada a dinamização dos eventos de forma segura, com a adesão de boas práticas de higiene.

Nesse contexto, formas alternativas de reestruturação do mercado de eventos, com protocolos e manuais de segurança sanitária elaborados por associações e entidades governamentais nacionais e internacionais, começam a ser apresentadas para orientar a retomada do setor. Um exemplo é a campanha #estamosprontospravoltar, lançada pela ABEOC (2020a), paralelamente ao lançamento do Selo Turismo Responsável do Ministério do Turismo (MTUR, 2020b), que abarca, além do setor de eventos, os ramos essenciais da atividade turística.

É nesse contexto de retomada das atividades presenciais do turismo de eventos que este texto objetiva adentrar, por meio da compilação dos principais protocolos nacionais e internacionais de modo que possa orientar, de forma mais objetiva, a adoção de medidas operacionais que garantam, aos usuários, a segurança necessária. Portanto, para a reabertura das empresas organizadoras de eventos, de operacionalização dos eventos, de recursos humanos, dos locais de realização dos eventos, dos estabelecimentos comerciais e dos serviços que atendem aos eventos em todo território nacional, além da escolha pelo tipo de evento mais viável para cada momento vivenciado na pandemia, é preciso reforçar as boas práticas e os procedimentos de higienização, bem como garantir as condutas adequadas de higiene pessoal e os procedimentos de saúde dos colaboradores, além de estabelecer medidas de atendimento



seguro ao cliente/participante/turista, a fim de minimizar o risco de transmissão da COVID-19, a fim de buscar a sustentabilidade financeira de cada envolvido (MTUR, 2020b).

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa intenciona colaborar com o setor de turismo de eventos ao buscar por respostas capazes de otimizar o processo de retomada. Desse modo, o estudo aqui desenvolvido se caracteriza por ser do tipo descritivo que, segundo Gil (2009), busca delinear o perfil de uma população peculiar ou de um fenômeno particular, permitindo assim, uma descrição fidedigna e de maneira imparcial do objeto estudado. Assim, ao se determinar analisar os aportes dos protocolos de segurança sanitária lançados pelas diversas entidades nacionais e internacionais do setor de eventos, partiu-se da identificação e seleção, levando em consideração a relevância da organização.

A pesquisa também é definida como exploratória por permitir, através de estratégias de investigação, aproximar-se do problema inquirido, explorando suas nuances e peculiaridades. Ou seja, além de identificar, selecionar e descrever os protocolos, foi possível alinhá-los, por meio da observação, à realidade vivenciada, delinear o perfil destes, e alocar os aportes em categorias similares, com vistas à unificação dos documentos e identificação da viabilidade de sua implementação.

Com uma abordagem qualitativa, “por ser uma forma adequada de entender a natureza de um fenômeno social” (Richardson, 1999, p. 79), tal qual a pandemia que se instaurou no mundo contemporâneo, aqui não se intencionou buscar números para compor um resultado efetivo, mas sim, construir argumentos e respostas embasadas em análises e percepções.

Considerando melhor projetar o cenário da pesquisa, pode-se delimitá-la por meio dos procedimentos técnicos empregados, sendo assim, a investigação aqui exposta apresenta-se como um estudo de caso, que segundo Yin (2010, p. 23) é “um dos empreendimentos mais desafiadores na pesquisa”, uma vez que para sua aplicação exige um alto grau de imersão do pesquisador. À vista disso, os pesquisadores imergiram no universo dos eventos, podendo assim, traçar o perfil desse mercado antes da pandemia, identificar os danos causados em período pandêmico e elencar os protocolos lançados por entidades de credibilidade.

No processo de determinação do universo da pesquisa, levou-se em consideração entidades, organizações, associações e órgãos do setor reconhecidas pela sua atuação no mercado de eventos, depositando maior credibilidade aos resultados alcançados, uma vez que, a própria condição da pandemia impossibilitou a ida efetiva ao campo, sendo assim, a coleta se deu por meio da mineração de dados *online*, por meio do



ciberespaço, com visita a *homepage* de cada entidade, nos dias 08, 09 e 10 de junho de 2020. À essa ação, acrescentou-se a observação não participante do cenário atual de eventos, também, por meio digital. Superada essa etapa, chegou-se a uma amostra de treze protocolos que contemplou, individualmente ou em parceria, as entidades apresentadas no quadro 01, a seguir:

Quadro 01 - Entidades Participantes da Pesquisa

	Nome	Sigla	Atuação/sede/site
Internacional	<i>Excellence in Convention Centre Management</i>	AIPC	Empresarial / Bruxelas – Bélgica <a href="http://aipc.org/">aipc.org/</a>
	Associação Latino Americana de Gestores de Eventos e Viagens	ALAGEV	Empresarial / São Paulo – Brasil <a href="http://alagev.org/">alagev.org/</a>
	<i>International Association of Exhibitions and Events</i>	IAEE	Empresarial / Dallas – USA / <a href="http://iaee.com">iaee.com</a>
	<i>International Congress and Convention Association</i>	ICCA	Empresarial / Amsterdam - Holanda <a href="http://iceworld.org/">iceworld.org/</a>
	<i>The Global Association of the Exhibition Industry</i>	UFI	Empresarial / Levallois-Perret - França <a href="http://ufi.org/">ufi.org/</a>
	<i>World Health Organization</i>	WHO	Governamental / Genebra - Suíça <a href="http://who.int/">who.int/</a>
	<i>World Travel &amp; Tourism Council</i>	WTTC	Empresarial / Londres - Reino Unido <a href="http://wtcc.org/">wtcc.org/</a>
Nacional	Associação Brasileira de Empresas de Eventos	ABEOC	Empresarial / Rio de Janeiro - Brasil <a href="http://abeoc.org.br/">abeoc.org.br/</a>
	Associação Brasileira de Cenografia e Estandes	ABRACE	Empresarial / São Paulo - Brasil <a href="http://abrace.com.br/">abrace.com.br/</a>
	Associação Brasileira de Eventos	ABRAFESTA	Empresarial / São Paulo - Brasil <a href="http://abrafesta.com.br/">abrafesta.com.br/</a>
	Associação Brasileira dos Promotores de Eventos	ABRAPE	Empresarial / Belo Horizonte - Brasil <a href="http://www.abrape.com.br/">www.abrape.com.br/</a>
	Academia Brasileira de Eventos e Turismo	-	Acadêmico / São Paulo - Brasil <a href="http://academiaeventosturismo.org.br/">academiaeventosturismo.org.br/</a>
	Associação de Marketing Promocional	AMPRO	Empresarial / São Paulo - Brasil <a href="http://ampro.com.br/">ampro.com.br/</a>
	Associação Apresenta Rio	APRESENTA	Empresarial / Rio de Janeiro - Brasil <a href="http://apresentario.com.br/">apresentario.com.br/</a>



Fórum do Setor de Eventos	For EVENTOS	Empresarial <a href="http://foreventos.net.br/pt/">foreventos.net.br/pt/</a>
Go Live Brasil - Juntos pelos Eventos	Go Live Brasil	Empresarial <a href="http://golivebrasil.com.br/">golivebrasil.com.br/</a>
Ministério do Turismo	MTUR	Governamental / Brasília - Brasil <a href="http://gov.br/turismo/pt-br">gov.br/turismo/pt-br</a>
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas	SEBRAE	Privada / Brasília - Brasil <a href="http://sebrae.com.br/">sebrae.com.br/</a>
União Brasileira dos Promotores de Feiras	UBRAFE	Empresarial / São Paulo - Brasil <a href="http://ubrafe.org.br/">ubrafe.org.br/</a>
União Nacional de CBVs e Entidades de Destinos	UNEDESTINOS	Empresarial / São Paulo - Brasil <a href="http://unedestinos.com.br/">unedestinos.com.br/</a>

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Associou-se aos protocolos identificados, a vivência dos pesquisadores em pesquisas antecedentes e a própria prática na organização de eventos, essa *expertise*, proporcionou um melhor direcionamento para análise dos dados, superando assim, as barreiras impostas pela pandemia. Intencionando complementar o processo de inquirição, foi realizada pesquisas bibliográficas, considerando autores clássicos da literatura sobre turismo de eventos, assim como autores contemporâneos com pesquisas atuais, em nível nacional e internacional; e pesquisas documentais secundárias, acessando documentos encontrados em sites e/ou disponíveis em acervos de bibliotecas *online*.

Com os resultados devidamente tabulados, alinhou-se às teorias que os subsidiaram para, assim, submetê-los à análise de conteúdo, permitindo a conexão dos dados reais, descritivos, com interpretações mais subjetivas que levam em consideração sensações, pensamentos, opiniões, sentimentos e percepções, já que Bardin (2011, p. 15) retrata que “tal processo oscila entre dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade”.

Destarte, chegou-se a um desenho do novo e atual mercado de eventos, identificando as ameaças e oportunidades que os circundam e reverberam na atividade turística, também se efetivou uma categorização dos aportes, que foram minuciosamente analisados e alocados num novo e único protocolo que visa nortear a retomada das atividades do setor. Todos os resultados alcançados serão apresentados e discutidos na seção a seguir.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A COVID-19 tem provocado caos generalizado pelos quatro cantos do globo, especialmente por apresentar uma alta e sustentada transmissibilidade e restringir a circulação (Roda *et al.*, 2020) e o contato entre as pessoas, características básicas tanto do convívio humano quanto da produção de bens e serviços, o que provocou uma queda vertiginosa do mercado econômico e financeiro em âmbito planetário, incluindo os setores de turismo e eventos. O universo analisado, seja pela identificação dos principais protocolos, seja pelo delineamento do setor de eventos frente a pandemia da COVID 19 respalda a colocação de Sigala (2020) que demonstra ser essa uma crise que causou impactos sem precedentes ao setor de serviços, que por sua vez contempla a área de turismo e eventos.

Diante desse cenário de restrições, isolamento e distanciamento social, que impede a aglomeração de pessoas, as associações e entidades representativas do mercado turístico e, em particular, de eventos, publicaram diferentes manuais com protocolos de segurança sanitária para minimizar as perdas de produção e orientar a retomada das atividades presenciais de forma segura. O documento abaixo representa uma compilação das intercessões de ações sugeridas que se repetem em todos os protocolos analisados, buscando assim, atender as recomendações das entidades internacionais, que sugerem a adaptação dos protocolos em nível local e para cada atividade específica, quanto para auxiliar os atores do mercado na organização e implementação de ações efetivas para a retomada das atividades.

Por isso, a fim de orientar a retomada de produção de eventos presenciais durante o período de pandemia, desde que respeitadas as orientações dos órgãos competentes sobre a liberação ou não dessas atividades, bem como sobre a legislação em vigor, os Quadros 02, 03, 04, 05, 06 e 07 apresentam, de forma sistemática e qualitativa, os principais protocolos de segurança sanitária, divididos em seis setores de ação estratégica e seguidos de sua devida análise.

### Quadro 02 - Protocolo de Segurança Sanitária para Eventos (COVID-19) - Segurança de Base

#### SETOR I - SEGURANÇA DE BASE

1. Monitorar informações, orientações e dados disponibilizados pela OMS;
2. Designar equipe especializada no gerenciamento de crises para a orientação e vistoria dos protocolos e procedimentos sanitários indicados;
3. Desenvolver um plano estratégico de ação de controle sanitário por setor do evento;
4. Estabelecer programas de treinamento em prevenção de epidemias junto à equipe;
5. Obter a licença de reabertura/funcionamento conforme previsto na legislação local;

6. Adotar as políticas de segurança sanitárias municipais que venham a contribuir com a boa imagem do destino turístico e do setor de eventos em sentido amplo;
7. Manter uma documentação que forneça evidências sobre os esforços e ações de segurança aplicados ao evento e seus possíveis selos ou certificados de qualidade;
8. Utilizar-se da implementação de todas as estratégias preventivas como marketing positivo para o evento, sendo a divulgação das ações de acesso livre a todos;
9. Adotar tecnologias digitais em todo o processo de planejamento, organização, execução e controle para manter a segurança da equipe técnica;
10. Garantir a higienização completa do local a cada turno de evento.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020), com base nos protocolos lançados em 2020<sup>1</sup> por: ABEOCb, UBRAFE, MTUR, WHO a/b, GO LIVE, ABETA, AIPC, ICCA, UFI, IAEE, WTTC. (Protocolo Unificado).

O primeiro setor identificado demonstra que, por ser o setor de serviços - aqui demonstrado pelo Turismo e Eventos - detentor de características particulares que o converte em vetor de contágio, como demonstrado por Baum e Hai (2020), uma vez que o consumo se efetiva simultaneamente a sua produção e demanda, por muitas vezes, por deslocamento através de distintas localidades e aglomeração de indivíduos. Desse modo, o passo primordial requer procedimentos centrados nas condições locais de cada destino, precisando assim entender o que cada cidade precisará, para dar continuidade segura do setor, analisar sua conjuntura e daí identificar ações eficientes a serem implementadas, reforçando a fala de Corbari e Grimm (2020) ao revelar que o turismo, assim como eventos, são atividades econômicas que para buscar um desenvolvimento eficiente dependem da segurança e integridade social e ambiental das localidades.

#### Quadro 03 - Protocolo de Segurança Sanitária para Eventos (COVID-19) - Adequação do Ambiente

##### **SETOR II - ADEQUAÇÃO DO AMBIENTE**

1. Considerar a utilização de recursos digitais para minimizar o aglomerado de pessoas no mesmo espaço, de modo que sejam híbridos ou dividam o público para manter os espaços sanitariamente seguros;
2. Privilegiar a produção de eventos ao ar livre ou ambientes com ventilação natural ou com filtragem de ar condicionado;
3. Indicar fluxo de tráfego unidirecional nas vias, de modo a evitar que as pessoas se cruzem em fluxos opostos que dificultam o deslocamento e geram mais contato;
4. Desenvolver protocolos para espaços confinados, como elevadores e ambientes fechados, limitando a capacidade de carga conforme as recomendações sanitárias;
5. Garantir a limpeza e desinfecção completa dos locais do evento antes e após cada turno (matutino/vespertino/noturno);
6. Aumentar a frequência de retirada de resíduos sólidos e líquidos nas áreas de circulação de pessoas;

<sup>1</sup> Os links para consulta dos protocolos na íntegra estão disponíveis nas referências.

7. Adotar tapetes sanitizantes no hall de entrada dos eventos, bem como em todos os demais acessos;
8. Higienizar ventilador/ar condicionado frequentemente (a cada evento);
9. Indicar local apropriado para descarte de máscaras e EPI's, com recolhimento por empresas especializadas em coleta de produtos contaminados;
10. Em caso de necessidade de guarda-volumes, localizá-los nas áreas de entrada, no modelo de autosserviço, com profissional de limpeza a postos para desinfetá-lo a cada uso. Sugere-se, ainda, fornecer aos participantes do evento os produtos para desinfetar bolsas, malas e outros volumes ali expostos;
11. Proibição de oferta de alimentos e bebidas dentro de estandes, exceto quando lacrados e higienizados, sem consumo no local;
12. Nas praças de alimentação deve-se manter 2 metros entre as mesas, com uso de materiais descartáveis e organização de fila de espera fora da área das mesas;
13. Bebedouros devem ser desativados, sendo permitido somente consumo de água mineral em recipiente individual;
14. Carpetes devem ser aspirados diariamente utilizando-se de aspirador do tipo HEPA;
15. Elevadores e escadas rolantes devem ser verificados e desinfetados a cada duas horas;
16. Sala de primeiros socorros e para isolamento, com profissional devidamente treinado, deve ser disponibilizada no local do evento para participantes que venham a apresentar sintomas de COVID-19, além de espaço reservado para quarentena provisória;
17. Elaborar um “mapa de limpeza” de todas as áreas do local com o registro das atividades e responsável pelo setor.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020), com base nos protocolos lançados em 2020<sup>2</sup> por: ABEOCb, UBRAFE, MTUR, WHO a/b, GO LIVE, ABETA, AIPC, ICCA, UFI, IAEE, WTTC. (Protocolo Unificado).

Ao tratar-se de eventos epidêmicos ou pandêmicos, demonstrados por Beni (2011) como elementos pertencentes a um amplo grupo contemplado por crises e desastres capazes de impactar negativamente o setor de Turismo e Eventos, emerge a necessidade de dirimir o processo de propagação da doença. Como aqui já apresentado, num primeiro momento e diante de fatores que corroboram com uma situação crítica de contaminação, torna-se imperativo o isolamento social, resultando por vezes em *lockdown* - situação em que a população é submetida a medidas restritivas de locomoção - e até mesmo fechamento de fronteiras com vistas a impedir que o agente causador da epidemia/pandemia percorra por distintos países. Outro elemento sugerido com a mesma função é migração para o ambiente virtual, aquele que Levy (1999) descreve como Ciberespaço onde é possível conectar pessoas por meio das tecnologias, elemento também pregado por Ryan *et al.* (2020), quando apontam os Eventos 4.0, caracterizados por um alto uso de tecnologias na efetivação de eventos. Fato, que inicialmente, esse foi o caminho seguro para continuidade do setor, mas diante da ampliação do período que se exigiu o isolamento, os impactos negativos passaram

<sup>2</sup> Os links para consulta dos protocolos na íntegra estão disponíveis nas referências.



a inviabilizar a continuidade do setor, afetando toda uma cadeia produtiva que tira seu sustento do turismo de eventos, fato atestado por pesquisas desenvolvidas por Caramori (2021) e SEBRAE, UBRAFE e ABEOC (2020) que mostrou que o setor de eventos foi o mais sacrificado da pandemia com números bastante expressivos em perdas geradas.

Por tal motivo, Saidan *et al.* (2020) sugere apropriar-se de cálculos capazes de identificar o potencial de transmissibilidade do vírus em cada localidade, leia-se aqui Taxa R. Identificando o momento mais propício, às atividades desenvolvidas pelo turismo de eventos precisarão retomar na tentativa de dirimir todo o déficit negativo ocasionado pela presente crise, tornando-se crucial a implementação de protocolo acima descrito, que contempla ações que priorizam a higienização constante de áreas compartilhadas, sejam elas abertas ou fechadas, assim como a monitorização do processo de limpeza e veto a toda atividade que resulte no risco de contaminação, como o caso de uso de bebedouros compartilhados e maior cuidado com a distribuição de A&B.

#### Quadro 04 - Protocolo de Segurança Sanitária para Eventos (COVID-19) - Distanciamento Social

##### SETOR III - DISTANCIAMENTO SOCIAL

1. Reduzir a capacidade de carga dos locais, considerando: a) para eventos com pessoas em pé e circulação livre, comportar 01 pessoa por metro quadrado; b) para uso de assentos fixos, intercalar fileiras de assentos ocupados; e c) para uso de assentos móveis, manter distância de 1.5 metros entre cadeiras e maior número de corredores, indicando circulação unilateral;
2. Registrar antecipadamente o credenciamento de participantes para reduzir e agilizar o fluxo de pessoas no hall de entrada, com voucher eletrônico (por meio de código de barras ou código QR) ou impressão antecipada da credencial (em casa);
3. Sinalizar o piso de áreas livres para indicar as medidas de distanciamento;
4. Adicionar uma divisão ou barreira transparente (do tipo plexiglás) em locais de atendimento ao público, protegendo os colaboradores;
5. A distribuição de credenciais, materiais e brindes deve ser feita com antecedência e individualmente, de modo que apenas casos extraordinários sejam atendidos na recepção central;
6. O pagamento antecipado de taxas deve ser incentivado, evitando interações presenciais e em dinheiro;
7. Manter parte da equipe de trabalho em *home office*, levando ao local de trabalho somente aqueles que desempenham funções indispensáveis, fornecendo a estes os EPIs e treinamentos acerca dos protocolos de segurança. Pode-se, também, adotar o rodízio de equipes para reduzir o tempo de exposição de cada colaborador;
8. Não oferecer serviços que possam retardar a saída dos participantes e causar aglomerações como cafeterias, bares e *lounges* de espera;

9. Reduzir o número de vagas nos estacionamentos de 30% à 50%, utilizando apenas de um operador de caixa e, se possível, com pagamento via aplicativo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020), com base nos protocolos lançados em 2020<sup>3</sup> por: ABEOCb, UBRAFE, MTUR, WHO a/b, GO LIVE, ABETA, AIPC, ICCA, UFI, IAEE, WTTC. (Protocolo Unificado).

Sigala (2020), Saidan *et al.* (2020) e Reddy, Boyol e Nica (2020) expõem que Turismo e Eventos são clusters com mais alto nível de contaminação, com elevado potencial de contágio ocasionado pela aglomeração de pessoas e possuem um alto grau de sensibilidade quanto a atuação dos elementos do macro e microambiente, desse modo, similar ao Setor II, a seção que trata de distanciamento social visa implementar atitudes que possibilitem a efetivação do turismo de eventos, minimizando os riscos, ora provocados pela pandemia. Sabe-se que medidas restritivas foram e continuam sendo necessárias (Gonçalves *et al.*, 2020) e, mesmo após a imunização da população com a aplicação das vacinas desenvolvidas, alguns protocolos precisarão de continuidade, ao menos no início do período pós-pandêmico. Aqui, mais uma vez, enxerga a necessidade do uso de tecnologias que remetem aos Eventos 4.0 Ryan *et al.* (2020), possibilitando a ampliação do distanciamento social no local do evento, assim como limitando o contato do usuário com a equipe organizadora. Utilização de QR Code, telas sensíveis ao movimento, *check in* e credenciamento virtual, pagamento por meio de cartões ou pulseiras de crédito, dentre tantas outras possibilidades inovadoras já possíveis ou que surgiram durante a presente crise. Validando o que Schumpeter (1961), Friedman (2005) e McCraw (2012) defendem: inovações emergem em momentos de crise, uma vez que essas causam a retração econômica, provocando os indivíduos a criarem soluções inovadoras para os problemas e, por conseguinte, resultam na expansão do mercado.

#### Quadro 05 - Protocolo de Segurança Sanitária para Eventos (COVID-19) - Higiene Pessoal

##### SETOR IV - HIGIENE PESSOAL

1. Garantir a disponibilidade de instalações de lavagem das mãos com água, sabão, álcool gel 70% e/ou ácido hipocloroso, papel toalha e lixeira de pedal, estimulando os participantes a lavarem as mãos pelo menos a cada duas horas;
2. Exigir o uso de máscaras nas dependências do evento e disponibilizar máscaras em tecidos descartáveis;
3. Desligar/desinstalar secadores de ar a jato e de mãos tipo "soprador" de ar quente;

<sup>3</sup> Os links para consulta dos protocolos na íntegra estão disponíveis nas referências.

4. Microfones, fones de ouvido e demais equipamentos não devem ser compartilhados e necessitam de higienização a cada troca de usuário;
5. Reduzir a oferta de refeições e criar medidas que limitem o manuseio de alimentos pelos participantes nos buffets, como o serviço do tipo “empratado”;
6. Fornecer itens alimentícios em embalagens únicas e seladas;
7. Limpar regularmente máquinas e equipamentos manuseados pelos participantes ou colaboradores;
8. Impedir que itens de exposição sejam tocados/manuseados;
9. Limpar e desinfetar mesas e cadeiras imediatamente após a saída do participante;
10. Utilizar somente sistemas aprovados de desinfecção, como pulverizadores eletrostáticos, sprays ou outros sistemas adequados a cada ambiente e normatizados pelos órgãos competentes;
11. Estimular a prática de etiqueta respiratória;
12. Expositores também devem disponibilizar álcool em gel dentro dos stands;
13. Dependendo do tipo de evento, pode-se distribuir kits para os participantes contendo os materiais de higiene descartáveis (lenços, sacos para descarte, máscara) e reutilizáveis (toalhas, termômetro, desinfetante para as mãos);
14. Para os profissionais de limpeza recomenda-se o uso de gorro (para procedimentos que geram aerossóis); óculos de proteção ou protetor facial; máscara; avental; luvas de borracha com cano longo; botas impermeáveis de cano longo.
15. Orientar os colaboradores a manterem os ambientes comuns (mesas, balcões, assentos) livres de objetos pessoais como celulares, equipamentos de proteção e comunicação.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020), com base nos protocolos lançados em 2020<sup>4</sup> por: ABEOCb, UBRAFE, MTUR, WHO a/b, GO LIVE, ABETA, AIPC, ICCA, UFI, IAEE, WTTC. (Protocolo Unificado)

Higiene é palavra de ordem de todo o período pandêmico e permanecerá no pós-pandêmico. Todas as ações desenvolvidas, sejam elas orquestradas pelo Estado ou individualmente, centram-se em manter tudo e todos devidamente limpos e higienizados, assim, buscando tornar o ambiente impróprio ao desenvolvimento do vírus. No turismo de eventos não é diferente, a possibilidade de retomada do setor se debruça sobre políticas, protocolos, decretos que versam sobre a necessidade de implementar uma cultura da higiene. Nesse momento, entende-se que hábitos que já deveriam ser rotineiros precisaram ser ressignificados e incorporados ao cotidiano, lavar as mãos de forma correta, uso de álcool 70%, uso de máscara, prática de etiqueta respiratória, dentre outras atitudes, que aqui, depende da conscientização do indivíduo. Tais descobertas validam o posicionamento de Beni (2020) ao apontar que se trata de um processo de tomada de consciência individual e ao mesmo tempo universal e que, enquanto o individualismo reinar, não é possível enxergar perspectivas de mudanças.

<sup>4</sup> Os links para consulta dos protocolos na íntegra estão disponíveis nas referências.

Quadro 06 - Protocolo de Segurança Sanitária para Eventos (COVID-19) - Comunicação

**SETOR V – COMUNICAÇÃO**

1. Estabelecer um canal de comunicação eficiente com os órgãos sanitários e de saúde local para atendimento emergencial de casos identificados durante o evento;
2. Estabelecer a confiança dos participantes por meio de comunicação e marketing eficazes, com a utilização de selos/certificados sanitários;
3. Expor ao público de forma clara as medidas e regimes de limpeza aplicados durante evento;
4. Disseminar mensagens-chave de acordo com as políticas nacionais de saúde;
5. Aplicar lembretes visuais sobre medidas preventivas básicas, como o uso necessário de máscaras faciais e outros equipamentos de proteção individual, assim como, ações e etapas a serem seguidas por pessoas que desenvolvem sintomas da COVID-19;
6. Aconselhar as pessoas sintomáticas e de grupo de risco a não comparecerem no evento;
7. Criar e distribuir manuais para expositores que contemplará componentes dos protocolos e diretrizes de segurança;
8. Implementar suporte para esclarecimentos de dúvidas e reclamações;
9. Desenvolver e disponibilizar comunicação interna e externa sobre as características clínicas da COVID-19 e medidas preventivas; uso de máscaras faciais e outros EPIs; assistência a pessoas que desenvolvem sintomas da COVID-19; sinalização de entrada e saída, pontos de desinfecção, serviço médico e número máximo de pessoas por ambiente;
10. Aconselha-se a incluir na ficha cadastral (inscrição) campo autorizando medir a temperatura corporal, sem prejuízo à imagem ou dolo de nenhuma natureza;
11. Criar um banco de dados dos participantes que inclua nome, endereço e contatos de telefone e e-mail para avisos imediatos;
12. Primar por atividades promocionais em formato digital.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020), com base nos protocolos lançados em 2020<sup>5</sup> por: ABEOCb, UBRAFE, MTUR, WHO a/b, GO LIVE, ABETA, AIPC, ICCA, UFI, IAEE, WTTC. (Protocolo Unificado).

A atual crise pandêmica passa por várias etapas, picos de contaminação, diminuição de novos casos e, nesse momento, por crer numa aparente recuperação, a sociedade acaba por relaxar diante das medidas restritivas tão importantes para a recuperação do mundo. Fato é que essas fases, por mais que cíclicas, precisam ter ênfase na promoção da incessante necessidade de continuidade de atitudes de prevenção. O cenário permanece insólito, até mesmo com a emergência de várias vacinas e, ao buscar o equilíbrio entre saúde coletiva e economia, torna-se importante a conscientização da sociedade como um todo.

Ademais, a natureza, as circunstâncias e os impactos sem precedentes do COVID-19, demonstram sinais de que essa crise não é apenas diferente, mas pode ter profundas e duradouras mudanças estruturais e transformacionais no turismo de eventos como atividade socioeconômica e indústria (Sigala, 2020). Tal

<sup>5</sup> Os links para consulta dos protocolos na íntegra estão disponíveis nas referências.



circunstância acaba por reverberar na sociedade que fica mais temerosa quanto ao retorno da atividade e reforça a necessidade da saúde coletiva se sobrepor ao direito de ir e vir do indivíduo. As medidas de comunicação tornam-se então imprescindíveis não apenas por delinear essa atual e nova realidade, mas com vistas a fazer surgir uma confiança por ora perdida pelo usuário e praticante do turismo de eventos.

#### Quadro 07 - Protocolo de Segurança Sanitária para Eventos (COVID-19) - Monitoramento

##### SETOR VI – MONITORAMENTO

1. Manter vigilância sobre o distanciamento entre os participantes e seus comportamentos de higiene pessoal dentro do evento;
2. Adotar um questionário de avaliação de risco no cadastramento dos participantes (que deve ser feito antecipadamente) para identificar pessoas em grupo de risco e/ou sintomáticas;
3. Implementar sistemas de avaliação e exames de saúde durante o evento, tais como verificações de temperatura dos participantes por meio de termômetro infravermelho;
4. Monitorar o deslocamento de participantes no evento para evitar aglomerações;
5. Manter contato direto com autoridades de saúde para o compartilhamento de informações acerca de participantes que apresentaram sintomas durante o transevento ou pós-evento;
6. Estabelecer um processo de comunicação, consulta e monitoramento com os parceiros e fornecedores envolvidos em suas atividades para assegurar que estes estejam engajados e adotando as medidas sanitárias cabíveis;
7. Após a realização do evento, manter os nomes e contatos dos participantes por pelo menos um mês. Caso algum participante precise ser isolado por testar positivo ou por suspeita de COVID-19, todos os demais participantes devem ser informados para que possam monitorar o desenvolvimento de sintomas por 14 dias.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020), com base nos protocolos lançados em 2020<sup>6</sup> por: ABEOCb, UBRAFE, MTUR, WHO a/b, GO LIVE, ABETA, AIPC, ICCA, UFI, IAEE, WTTC. (Protocolo Unificado).

Após a identificação dos procedimentos necessários que visam reduzir o índice de propagação viral e assim pensar num processo de reversão da crise instaurada pela pandemia de COVID-19, mostra-se importante implementar estratégias de monitoramento de tudo o que foi planejado e implementado de cada protocolo condizente com a realidade local do destino. Tal constatação contribui para estudos realizados por Glasser (2008) e Reddy, Boyd e Nica (2020) que atribuem a gestão de crise a aplicação e acompanhamento de medidas que são planejadas e implementadas para a preservação e o tratamento da crise. Destarte ressalta-se o papel substancial da coleta de dados prévios e posterior a participação do

<sup>6</sup> Os links para consulta dos protocolos na íntegra estão disponíveis nas referências.



evento de cada usuário envolvido, assim como a vigilância sobre todas as práticas necessárias à sua participação no transevento, do mesmo modo, analisar se as ações instauradas estão trazendo os resultados almejados.

Após identificação dos treze protocolos das entidades de representatividade para o setor, análise dos procedimentos e compilação desses e delineamento do setor de eventos no momento pandêmico, construiu-se o quadro abaixo que aponta práticas não identificadas nos documentos analisados, considerando medidas inovadoras e aplicáveis para a retomada do setor.

Quadro 08 - Estratégias para a Retomada Segura do Setor de Eventos

#### ESTRATÉGIAS DE RETOMADA DO SETOR DE EVENTOS

1. Utilização da Taxa R para identificação do índice de transmissibilidade de cada destino;
2. Aplicação de testagem rápida no próprio evento, em lugar seguro e com equipe apropriada;
3. Investimento em campanhas de conscientização da população participante de eventos quanto a relevância de boas práticas e etiqueta respiratória;
4. Utilização de soluções inovadoras, criativas e viáveis para o distanciamento em pontos comuns de aglomeração em eventos - entrada, espaço principal do evento e saída;
5. Retirada de intervalos e diminuição do tempo do evento;
6. Aplicação de equipamentos tecnológicos que evitem o contato usual entre pessoas - *Cashless* (sistema de pagamento sem dinheiro ou cartão - cartões e pulseiras via NFC - Next Field Communication, telas sensíveis ao movimento, uso de QR Code através de smartphones, aplicativos desenvolvidos exclusivamente para o evento, pulseiras de identificação, credenciamento por reconhecimento facial, catracas de acesso com leitor integrado, etc.
7. Medição de temperatura por meio de câmeras térmicas;
8. Aplicação do Design de Experiência em Eventos;
9. Distribuição de kits de higiene pessoal personalizados;
10. Priorizar contato direto com seus clientes facilitando o processo de comunicação;
11. Eliminação de filas;
12. Criação de ilhas com diferentes atrações para distribuir o público por todo espaço do evento;
13. Investir no formato de eventos *drive in*;

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Cabe destacar que a criatividade e inovação tornam-se imperativa nesse momento com o intuito de conquistar condições econômicas de sobrevivência para o segmento, reafirmando assim teorias há tempos discutidas e comprovadas por pesquisas (Shumpeter, 1961; Friedman (2005) e McCraw (2012), ademais, ressaltar a conscientização da população para atuarem como aliados ao embate dessa crise, já que empresas



responsáveis logram por eventos seguros, ao contrário dos eventos clandestinos identificados em território brasileiro nos últimos tempos, entendendo que a aplicação dos protocolos propicia uma diminuição do contágio, garantindo assim a retomada segura do setor.

Para além, compreende-se que a operacionalização desses protocolos em eventos depende de treinamento de pessoal, além de uma avaliação técnica responsável pela execução dessas atividades, de modo a garantir não apenas as questões internas, mas todos os fatores externos de risco, com uma rigorosa avaliação sobre a importância, a necessidade e os moldes do evento (que podem aumentar ou diminuir os riscos de contágio), bem como a capacidade de carga do sistema de saúde da cidade anfitriã, respeitando as orientações dos órgãos competentes e a garantia de atendimento emergencial aos participantes do evento. Novas medidas, ainda mais rígidas ou não, deverão ser tomadas conforme a evolução e controle da doença, tanto em nível local quanto global.

Por isso, e como sugerido pela maioria dos protocolos analisados, muitos eventos migraram para o ciberespaço e lá encontraram meios de sobrevivência. O formato *online* possibilitou a ressignificação da atividade e por meio de tecnologias passou a promover experiências distintas dos encontros presenciais, validando e fortalecendo o conceito de Eventos 4.0, aplicado por Ryan *et al.*, (2020), levando a crer na ascensão gradativa do modelo em períodos pós-pandêmicos.

Observou-se que várias tendências tecnológicas foram implementadas aos eventos com vistas a aumentar o envolvimento e possível engajamento do usuário, plataformas passaram a hospedar e disseminar os eventos com um alcance maior do que antes, termos utilizados para outros fins, como o síncrono e assíncrono, começaram a alinhar-se a atividade distinguindo o evento transmitido ao vivo do previamente gravado, Webinar, Live Streaming, Web Chat, Meeting, Zoom, dentre tantas outras plataformas, conectaram o usuário diretamente ao organizador e assim gerou experiências mais personalizadas, com eventos mais específicos e interativos. Esta observação dialoga diretamente com o que é pregado por Kharouf *et al.* (2020) e reafirma que, por mais que seja uma experiência totalmente distinta da vivenciada em eventos presenciais, o evento digital, seja *online* ou híbrido, manifesta-se como um vetor que agrega valor ao universo dos eventos, sem anular outras formas de efetivá-los.

Alinhado ao que defende Bauman (2001), a contemporaneidade está imersa num processo contínuo e acelerado de transformações, a liquidez dessa nova era exige respostas urgentes a tendências que surgem e findam, mas que são capazes de nortear a descoberta de novos paradigmas. Assim ocorre com a presente



crise, todo o aparato tecnológico está sendo capaz de fornecer o suporte necessário para a continuidade das ações do mercado de eventos (Ryan *et al.*, 2020).

Destarte, lembra-se mais uma vez que, o turismo de eventos não se beneficia diretamente com esse formato totalmente virtual, a não ser pela capacidade que a presente ferramenta detém de agir como *outdoor* de destinos que sediarão eventos presenciais futuros, mas tão logo a crise finde, os eventos presenciais retornarão e para isso, as ações identificadas por meio dos protocolos e selos de certificação precisarão ser considerados primordiais e implementados efetivamente, levando ao turista, não só a sensação, mas a confirmação de que o ato de viajar voltou a ser uma atividade segura.

## CONCLUSÃO

Desde o início de fevereiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a chamar oficialmente a doença causada pelo novo coronavírus de Covid-19. COVID significa Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto “19” se refere ao ano de 2019, quando o primeiro caso foi registrado oficialmente. O alastramento dessa doença vem provocando uma pandemia, desde 11 de março de 2020, com alta taxa de transmissão e reduzindo o contato físico e a aglomeração de pessoas, característica fundamental do convívio humano e da cadeia produtiva de bens e serviços, acarretando uma acentuada diminuição, de amplitude mundial, em todos os setores do mercado, abarcando, também, os setores de turismo e de eventos.

Perante um panorama tão adverso, entidades e associações representativas do turismo e dos eventos, divulgaram protocolos de segurança sanitária a fim de tentar orientar o retorno de suas atividades presenciais e diminuir os danos provocados na produção. Esses documentos, nesta pesquisa, foram reunidos em um único protocolo, a fim de acolher as recomendações dos órgãos competentes internacionais e nacionais, que aconselham a adequação dos protocolos a cada realidade em nível local e a cada atividade específica, para auxiliar os atores do mercado na organização e implementação de ações efetivas para o retorno das atividades presenciais. Ademais, o protocolo único de caráter consultivo aqui desenvolvido elimina as lacunas identificadas entre os treze documentos analisados, trazendo importantes orientações adaptadas ao contexto brasileiro como pode ser observado nos quadros de 02 a 08 do capítulo anterior, resultados e discussões.



Ressalta-se, como uma estratégia para retomada do setor de eventos, a pertinência de realização de uma análise prévia de adequação do protocolo desenvolvido nesta pesquisa ao tipo de evento que se pretende produzir, considerando sua natureza e especificidades como as aglomerações sem possibilidade de distanciamento seguro, a exemplo de festivais, shows, festas populares, micaretas e eventos similares em que haja aglomeração de pessoas em pé, com trânsito livre, devendo estes retomar suas produções presenciais somente em um contexto de controle da doença, com a liberação legal dos órgãos públicos responsáveis. Logo, outra estratégia que deve prevalecer, enquanto os índices de contágio e óbito estiverem em ascensão, ou enquanto a Taxa R estiver superior a 1, é a alternativa de eventos digitais ou híbridos para que o mercado de eventos não permaneça totalmente estagnado.

Considerando-se, ainda, as dimensões continentais do Brasil e as diferentes realidades sanitárias e de enfrentamento à COVID-19, a adaptação local tanto à legislação vigente quanto para a capacidade de absorção de demanda e cumprimento de protocolos sanitários é primordial na construção de um planejamento estratégico de produção de eventos. Outro importante recurso que deve ser adotado pelo setor é a certificação de qualidade, a exemplo do selo “Turismo Responsável, Limpo e Seguro” desenvolvido pelo Ministério do Turismo (MTUR, 2020b), que atesta aos estabelecimentos do trade turístico, bem como às empresas organizadoras de eventos, os requisitos de biossegurança contra a COVID-19, além de funcionar como uma estratégia de *marketing* integrado para os destinos turísticos, a fim de gerar e garantir uma sensação coletiva de segurança para a (re)atração dos fluxos turísticos.

O mercado de eventos tem passado por um momento de transição e evoluído para uma nova fase de produção técnica e de relações sociais e comerciais com seus clientes, com novas configurações de atividades presenciais e digitais que passam a criar outros comportamentos de consumo e a potencializar a humanização dos serviços como fator diferencial de concorrência, com foco no acolhimento e adaptação dos participantes às novas experiências.

## REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Empresas de Eventos. (2020a, 05 de junho). *ABEOC Brasil lança campanha pela retomada consciente e debate assunto com o ministério do turismo*. Recuperado de <https://bit.ly/3kigTVt>
- Associação Brasileira de Empresas de Eventos. (2020b). *Mercado de eventos no Brasil. Atividades pós-pandemia*. Recuperado de <https://bit.ly/3bC004h>

- Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura. (2020). *Manual de boas práticas. Recomendações de procedimentos sanitários para a operação de atividades de turismo na natureza*. Recuperado de <https://bit.ly/2Mi3f89>
- Bahl, M. (Org.). (2003). *Eventos: A importância para o Turismo do Terceiro Milênio*. São Paulo: Roca.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70 Brasil.
- Baum, T., & Hai, N. T.T. (2020). Hospitality, tourism, human rights and the impact of covid-19. *International of Contemporary Hospitality Management*, 32(7), p. 2397 - 2407. DOI: <https://doi.org/10.1108/IJCHM-03-2020-0242>
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Beni, M.C. (2011). *Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira*. 3. ed. São Paulo: Aleph.
- Beni, M. C. (2020). Turismo e Covid-19: Algumas reflexões. *Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*, 12(3 - Especial Covid-19), p. 1 - 23. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a02>
- Caramori, D. (2021). ABRAPE defende regulamentação para combater festas clandestinas. *Portal Radar*. Recuperado de <https://bit.ly/3qRi1BR>
- Duran, P., & Passeri, G. (2020). Festas clandestinas acontecem em meio à pandemia pelo país. *CNN Brasil*. Recuperado de <https://bit.ly/2NTW8mZ>
- Corbari, D.S., & Grim, J.I. (2020). A pandemia de covid-19 e os impactos no setor do turismo em Curitiba (PR): uma análise preliminar. Dossiê - Turismo em tempos de pandemia [número especial]. *Ateliê do Turismo*, 4(2), p. 1 - 26. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/adturismo/article/view/11284>
- Excelece in Convention Centre Management, International Congress And Convention Association, & The Global Association of the Exhibition Industry. (2020). *Good practice guidance addressing COVID-19 requirements for re-opening business events*. Recuperado de <https://bit.ly/2ZJR0V6>
- Fochezatto, A., Schaidhauer, M., & Bohnenberger, D. (2018). Avaliação dos impactos econômicos do turismo de eventos em Porto Alegre/RS. *Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE*, 2(40), p. 116 – 133. doi: <http://dx.doi.org/10.21452/rde.v2i40.5485>.
- Friedman, T.L. (2005). *O mundo é plano: uma breve história do século XXI*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Gayer, P. (2017). Políticas públicas em turismo de eventos: instrumentos normativos de apoio ao desenvolvimento do setor. *Cenário*, 5(9), p. 11 – 22. DOI: [doi.org/10.26512/revistacenario.v5i9.19425](https://doi.org/10.26512/revistacenario.v5i9.19425)
- Gil, A. C. (2009). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas.



- Go Live Brasil - Juntos pelos eventos. (2020). *Plano de recomendações e sugestões para a retomada da indústria de eventos no Brasil*. Recuperado de <https://bit.ly/3sj3lMa>
- Gonçalves, S., Lopes, R. M. R., Sousa, M., & Marodin, T. G. (2020). Percepção de segurança e risco de contágio por covid-19 durante as vivências de lazer do residente do Rio Grande do Norte. *Licere*, 23(3), p. 309 - 340. DOI: [doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25438](https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25438)
- Glaesser, D. (2008). *Gestão de crises na indústria do turismo*. Porto Alegre: Bookman.
- International Association of Exhibitions and Events. (2020). *Essential considerations for safely reopening exhibitions and events*. Recuperado de <https://bit.ly/2NrKgnw>
- Kharouf, H., Biscaia, R., Garcia-Perez, A., & Hickman, E. (2020). Understand online event experience: the importance of communication, engagement and interaction. *Journal of Business Research*. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2019.12.037>
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. (C. I. da Costa, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.
- Martin, V., & Lisboa, R. (2020). *Eventos digitais: híbridos e virtuais*. Recuperado de <https://mkt.midiacode.com/eventosdigitais>
- McCraw, T. K. (2012). *O profeta da inovação*. Rio de Janeiro: Record.
- Ministério do Turismo. (2020a, 28 de fevereiro). *Carnaval 2020 é marcado por recordes*. Recuperado de <https://bit.ly/3kivqAh>
- Ministério do Turismo. (2020b). Turismo responsável limpo e seguro. *Protocolo responsável para o turismo*. Recuperado de <http://www.turismo.gov.br/seloresponsavel/>.
- Pauchant, T. C., & Douville, R. (1993). Recent Research in Crisis Management: a study of 24 authors publications from 1986 to 1999. *Industrial and Environmental Crisis Quarterly*, 7(1), p. 43-66. DOI: <https://doi.org/10.1177/108602669300700104>.
- Portal Brasileiro de Turismo. (2020a, 01 de abril). *Mercado de eventos estima perda de R\$ 80 bi até maio: fomos do tudo ao nada*. Recuperado de <https://bit.ly/3pOIVt4>
- Portal Brasileiro de Turismo. (2020b, 03 de abril). *Responsável por 13% do PIB, indústria de eventos pede políticas públicas*. Recuperado de <https://bit.ly/3pMlKwN>
- Reddy, M. V., Boyd, S. W., & Nica, M. (2020). Towards a post-conflict tourism recovery framework. *Annals of Tourism Research*, 84, p. 1-15. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.102940>.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. (3a ed.). São Paulo, SP: Atlas.

- Roda, W. C., Varughese, M. B., Han, D., & Li, M. Y. (2020). Why is it difficult to accurately predict the COVID-19 epidemic? *Infectious Disease Modelling*, 5, p. 271-281. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.idm.2020.03.001>.
- Ryan, W. G., Fenton, A., Ahmed, W., & Scarf, P. (2020). Recognizing Events 4.0: the digital maturity of events. *International Journal of Event and Festival Management*, 11(1), p. 47-68. DOI: <https://doi.org/10.1108/IJEFM-12-2019-0060>
- Saidan, M. N., Shbool, M. A., Arabeyyat, O. S., T Al-Shihabi, S., Abdallat, Y. A., Barghash, M. A., & Saidan, H. (2020 - set.). Estimation of the probable outbreak size of novel coronavirus (COVID-19) in social gathering events and industrial activities. *International Journal of Infectious Diseases*. 98, p. 321-327. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijid.2020.06.105>
- Scalabrini, E. C. B., & Dalonso, Y. da S. (2019). Impactos dos Eventos em Destinos Turísticos: um estudo de caso na cidade de Joinville, SC, Brasil. *Revista Turismo Em Análise*, 29(2), p. 332-348. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v29i2p332-348>
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, União Brasileira dos Promotores de Feira, & Associação Brasileira de Empresas de Eventos. (2020). *Impactos recentes do coronavírus no segmento de turismo de negócios e eventos*. Recuperado de <https://bit.ly/3kgWWOF>
- Sigala, M. (2020). Tourism and COVID-19: Impacts and implications for advancing and resetting industry and research. *Journal of Business Research*. 117, p. 312 - 321. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.06.015>
- Schumpeter, J. A. (1961). *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- The Global Association of the Exhibition Industry. (2020a). *Convention and exhibition centre health & safety: Managing COVID-19 Challenges*. Recuperado de <https://bit.ly/2NW4OZL>
- The Global Association of the Exhibition Industry. (2020b). *Guía de Buenas Prácticas: Abordando el COVID-19 Requerimientos para la Reapertura de Eventos de Negocios*. Recuperado de <https://bit.ly/2P5iFOD>
- The Global Association of the Exhibition Industry. (2020c). *Recomendaciones a nivel global para la reapertura de ferias y eventos B2B tras la emergencia del COVID-19*. Recuperado de <https://bit.ly/37HxFbn>
- União Brasileira dos Promotores de Feira. (2020). *Protocolo feiras comerciais e congressos*. Recuperado de <https://bit.ly/3bt1JZs>
- Uvinha, R. R., Chan, C., Man, C. K., & Marafa, L. F. (2018, jan./abr.). Sport tourism: a comparative analysis of residents from Brazil and Hong Kong. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 12(1), p. 180-206 DOI: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v12i1.1374>

World Health Organization. (2020a). *Considerations for sports federations/sports event organizers when planning mass gatherings in the context of COVID-19*. Recuperado de <https://bit.ly/2ZM7XOs>

World Health Organization. (2020b). *Key planning recommendations for mass gatherings in the context of the current COVID-19 outbreak*. Recuperado de <https://bit.ly/3kgvP6s>

World Health Organization. (2020c). *Coronavirus disease 2019 (COVID-19) Situation Report – 51*. Recuperado de <https://bit.ly/3pQde2a>

World Travel & Tourism Council. (2020). *Leading Global Protocols For The New Normal Convention: Centres, Meetings & Events*. Recuperado de <https://bit.ly/3kfj1gy>

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4.ed. Porto Alegre, RS: Bookman.

**Nota** - Trabalho apresentado no XVII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (ANPTUR) no ano de 2020.

#### INFORMAÇÕES DO (S) AUTOR (ES)

i **GILDYGLEIDE CRUZ DE BRITO RÊGO** - Design de Interiores (UNP) e Bacharel em Turismo (UFRN). Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Turismo (PPGTUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).  
E-mail: [gildygleide@gmail.com](mailto:gildygleide@gmail.com)

ii **ALINE GIZELE AZEVEDO DE LIMA BARROS** – Bacharel em Turismo (UFRN) e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).  
E-mail: [prof.alinelimadebarros@outlook.com](mailto:prof.alinelimadebarros@outlook.com)

iii **RICARDO LANZARINI** – Doutor em Ciências Humanas (UFSC), com Pós-doutorado em Lazer e Turismo (USP). Professor Adjunto do Departamento de Turismo (DETUR) e do Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).  
E-mail: [ricardolanzarini@ccsa.ufrn.br](mailto:ricardolanzarini@ccsa.ufrn.br)



<sup>iv</sup> Trata-se de um coeficiente chamado R (número de reprodução basal ou básico) serve para determinar o potencial de propagação de um vírus, é o número médio de contágios causados por cada pessoa infectada. Números maiores que 1 indicam uma taxa de transmissão em que os casos tendem a aumentar, ou seja, se R estiver acima de 1, na média de cada caso, significa que um infectado pode transmitir a doença para, pelo menos, uma pessoa. No caso da COVID-19, são quatro os pilares que se deve considerar para chegar ao resultado: (1) Duração da infecciosidade: quanto mais tempo um indivíduo permanece doente, maior o potencial de contaminação de outras pessoas. Por isso, se for isolado prontamente, esse potencial reduz. (2) Oportunidade: é um indicador de comportamento social, significa o número de pessoas com quem um infectado teve contato em um dia. (3) Probabilidade de transmissão: as chances de acontecer a propagação do vírus quando duas pessoas se encontram. (4) Susceptibilidade: em uma situação com duração, oportunidade e probabilidade de transmissão alta, está a disposição particular do organismo para contrair o coronavírus e/ou, posteriormente, para sentir as influências sobre ele exercidas (Saidan *et al.*, 2020 [tradução nossa]).